

NOTAS

O mundo é tropical!? não, mas nós somos! Is the world tropical!? no, but we are!

Eduardo Marandola Jr.*
Lúcia Helena B. Gratão**

*“Vê-se que a ambição do
tropical é ter duas auroras”
Millôr Fernandes*

*“Há lá muitas palmeiras. (...) A terra em si é de muitos
bons ares, assim frios e temperados, como os de Entre
Douro e Minho. (...) As águas são muitas, infindas.”
Carta de Pero Vaz de Caminha*

NOTAS “EGOCÊNTRICAS”

Discutir e debater uma realidade que é nossa sempre nos traz satisfação. E como é bom ouvir falar não apenas de nós, como pessoas, mas também de nosso lugar, nosso ambiente de vivência. Este foi um dos reflexos que a **Aula Inaugural** proferida pelo professor José Bueno Conti, sobre o tema “*A contribuição da Geografia Brasileira no entendimento do mundo tropical*”, produziu em nós na “**inauguração**” do ano letivo de 2002 do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL), no curioso 27 de junho (resultado da greve das universidades estaduais do Paraná, que, devido ao descaso do governo estadual, “arrastou-se” por longos 169 dias, desde setembro de 2001), deste inusitado ano de 2002!

Precedido pelo Coral Adulto da UEL, que animou os seus cantos com músicas brasileiras, contemplando a beleza e o imaginário **Tropical!**, o professor Conti, da Universidade de São Paulo (USP), nos trouxe suas reflexões a respeito do geógrafo (nós!) e de suas relações com outros pesquisadores, principalmente com os historiadores. Por vezes em tom jocoso, porém, sem maldade, trouxe à tona algumas das antigas questões que perpassam a interface entre estas duas disciplinas, tão intrinsecamente ligadas, desde os seus primórdios como conhecimento humano, mesmo antes da sistematização moderna da ciência. Falou também dos grandes geógrafos que participaram da sistematização da “nossa” ciência no Brasil, lembrando antigos companheiros e os grandes mestres.

Nosso “egocentrismo” não se evidenciou apenas quando ele se congratulou com os alunos pela escolha que haviam feito, qual seja, fazer o curso de Geografia, como a melhor que poderiam ter tomado. Mas também, pela temática **Tropical!**. Nossa visão de mundo está vinculada a este pedaço do planeta, embora saibamos que em Londrina estamos praticamente no “limite” desta “zona”, mas, de espírito, brasileiros, **somos Tropical!**, embora talvez nem tanto quanto no Cerrado, na Amazônia ou no Nordeste. Conforme as palavras de Conti:

Estamos [em Londrina] naquele ponto entre o trópico e o subtropical. Na realidade, o trópico não é só uma linha. O trópico é uma linha que os cartógrafos reconhecem e que os astrônomos determinam, mas o geógrafo entende o domínio tropical, do ponto de vista das características ambientais, como um processo muito mais complexo, e existe toda uma área transicional entre o trópico e o subtropical.

Londrina está exatamente nesta área transicional, de **passagem**, porém, nossos estudos estão direcionados à compreensão desta grande área, faixa de maior iluminação solar do planeta, onde este “brilho” “doura” as epidermes e “colore” as várias faces multiculturais.

Entender o desenvolvimento da Geografia Brasileira a partir desta perspectiva, é de fundamental importância pois, embora de filiação francesa (uma geografia não tropical), o primeiro obstáculo

* Graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. Londrina, PR marandola@yahoo.com.

** Professora do Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina. Londrina, PR. dgeo@geo.uel.br.

ao desenvolvimento da Geografia Brasileira foi exatamente fazer a leitura da realidade a partir desta situação distinta: de temperado a tropical. Nesta direção, o professor Conti mostrou como este desenvolvimento se deu, a partir dos mestres franceses e dos geógrafos autodidatas que também muitíssimo contribuíram antes e durante o estabelecimento da Geografia como disciplina escolar e científica no país.

Outro ponto alto da fala do professor Conti foi a transposição implícita e explícita de uma Geografia única, resgatando, como mencionado, o elo com as Ciências Sociais, principalmente a História, mas não deixando de se embasar em elementos físicos e específicos, que são estudados pelos geógrafos e outros que se dedicam a estudar as dinâmicas climáticas e ambientais do planeta e do sistema solar. A estreita relação entre os diversos sistemas físicos e humanos foi transposta e conectada sem receio pelo professor, que não hesitou trafegar e transpor estas aparentes fronteiras. Sem simplificar a questão, Conti muito claramente mostrou que desde os primórdios da Geografia, esta relação é inerente aos estudos geográficos, como também sua relação com a História e as ciências físico-químicas está na própria estrutura da Geografia como Ciência. Conti também deixou clara a necessidade de valorizar a identidade de nossa ciência por promover a manutenção dos métodos e da forma geográfica de analisar o espaço e a sociedade.

O “professor de Geografia”, imbuído do “sentimento tropical”, terminou “sua aula” chamando atenção para o nosso papel no estudo do mundo **Tropical!**, pois o Brasil é o maior país desta zona do globo; de tamanha riqueza e diversidade de “realidades” há muito a ser explorado como contribuição tanto à Geografia como ciência quanto à nossa sociedade. Citando Pierre George, um dos grandes mestres da Geografia Humana Brasileira e Francesa, ele deixou evidente a preocupação com o humano, com a humanidade e a vontade de colocar a Geografia para a sociedade, em prol deste objetivo.

DESVELANDO MEMÓRIA(S)...

CONSTRUINDO SABER(ES)... TROPICAIS!

Seguindo a trajetória da “Geografia e o Entendimento do Mundo Tropical!”, promovemos **Encontros... Conversas... & ... Declarações!** do mundo **Tropical!**, com seu genuíno representante da Geografia brasileira e grande estudioso entusiasta da Geografia dos Trópicos! O grande personagem, mestre e orientador de mágicas viagens de venturas e aventuras, pelas geografias do Brasil e professor titular e decano do Departamento de Geografia – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, a histórica universidade brasileira edificada através de idéias francesas em busca do “imaginário dos trópicos” e que influenciou o pensamento e a construção da Geografia Brasileira.

Quem é este personagem, um *gentleman* tão aguardado, que vem à Londrina, a convite do Curso e do Centro Acadêmico de Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL), fruto do esforço conjunto do Laboratório de Pesquisas Urbanas e Regionais e da Especialização em Análise Ambiental e Ciências da Terra, para **revelar!** suas memórias, para a construção do saber, através de **Conversas** com quatro personagens? José Bueno Conti. Quem são as quatro personagens que aguardam para **desvelar** a(s) sua(s) memória(s)? São quatro mulheres professoras do Departamento de Geociências da UEL. O nome delas? Yoshiya Nakagawara Ferreira, Kumagae K. Stier, Lúcia Helena B. Gratão e Rosely Maria de Lima.

O **Encontro...** foi celebrado numa manhã de sexta-feira, 28 de junho de 2002, no Anfiteatro Maior do Centro de Letras e Ciências Humanas/UEL, após a noite de **inauguração**.

As **Conversas...** fluíram em torno de uma “**roda de conversas...**” aberta com as boas vindas e a apresentação do personagem feita pela condutora da “roda”, Lúcia Helena Gratão, girando em torno das questões (com)postas pelos personagens que procuraram **desvelar...** as “Memórias de Conti”.

“*Construção do Saber: Memórias com José Bueno Conti*”, re(a)presenta um (per)curso..., alternativo para a construção do saber através de memórias guardadas e resguardadas ao longo do tempo cronológico, científico e profissional, mas

também, e especialmente, de um tempo vivido, percebido, experienciado e sentido! Este é um projeto do Laboratório de Pesquisas Urbanas e Regionais, do Depto. de Geociências/UEL, que busca esta (re) construção do saber geográfico no Brasil através da(s) **memória(s) viva(s)**!

Seguindo a **roda...** cada uma das entrevistadoras também faz a sua apresentação falando dos seus vínculos com o grande personagem. A **roda de conversas...** foi orientada por três **rodadas de perguntas...**

A **primeira rodada...** aberta por Lúcia Helena Gratão, girando em torno da sua vida pessoal... onde nasceu, como foi sua infância, a juventude, até a entrada na universidade, procurando desvelar a sua “**geografia pessoal...**”, seguindo pela sua vida acadêmica... processo de formação, graduação, pós-graduação, área de atuação e livre docência, chegando a Professor Titular, desvelando sua **geografia acadêmica e profissional**.

Nascido em Atibaia, na pré-Mantiqueira, interior de São Paulo. Quando criança caminhava pelas suas colinas acompanhando o rio Atibaia, que banhava a pequena cidade. Aos nove anos de idade, já se interessava pela literatura. Quando teve contato com “*A Seca*”, conto de Veriato Corrêa, tragédia da seca e a saga sertaneja, já despertava seu fascínio pelo Nordeste semi-árido. Daí brotava o interesse pela climatologia e pela desertificação, suas áreas de atuação pela Geografia Zonal ou **Geografia Tropical!**

Quando estudante, foi contemplado com uma bolsa de estudos na França, revelando mais ainda a forte influência da geografia francesa através da convivência com mestres franceses. Nas suas palavras, revelações! de forte influência do pensamento francês na sua formação, o vínculo com a Geografia Física e o poético laço afetivo com a paisagem e o lugar. Revelações geopoéticas!

Segunda rodada... sua grande amiga, desde os tempos do mestrado feito na USP, Kumagae K. Stier, estudiosa do espaço norteparanaense. A **conversa...** gira em torno do seu olhar sobre o Norte do Paraná, procurando desvelar como ele vê, ontem e hoje, a região norteparanaense, partindo do seu “primeiro olhar”, quando esteve em Londrina participando da XVI Assembléia Geral Ordinária da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB),

em julho de 1961, realizada no Salão Nobre do Colégio Londrinense. Ao longo do histórico evento da Geografia Brasileira, além da discussão de teses e comunicações apresentadas, foram realizados vários trabalhos e pesquisas de campo, revelados e registrados nos *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, v. XIV, 1961-1962, editado em 1968.

Ao longo da **conversa...**, outra referência, também histórica, é desvelada pelas “Memórias de Conti”, quando cita o trabalho de Pierre Monbeig sobre “A zona pioneira do Norte do Paraná”, publicado em 1935, na Revista de Geografia da AGB, ano 1, n.3, chamando atenção para o grande valor da obra para a Geografia do Paraná. Ele faz um convite a todos os presentes a conhecer a “zona pioneira” pelo “olhar” do francês e professor de Geografia da USP, escrito há 67 anos, quando Londrina estava nascendo!

Do “primeiro olhar” aos “novos olhares” nas décadas de 1970 e 1990, quando por aqui passou, e ao “olhar de hoje”, “projetos pelo nosso século”, revela-se um Norte do Paraná com grandes transformações espaciais, desde a época da colonização, orientado pelo desenvolvimento da economia agrícola e o processo de crescimento urbano. O Paraná continua agrícola, porém, com outra fisionomia rural, e, Londrina, as suas casas de madeira, já não mais fazem parte da paisagem urbana. E as verdes matas? Derrubadas!

Seguindo com Rosely Maria de Lima, sua ex-aluna de graduação na USP, a **conversa...** gira no sentido da sua carreira profissional, dirigindo-se para as questões do ensino de Geografia. Como sua aluna, segue pelo “olhar educador”, como uma geógrafa que se dedica às questões do ensino.

Acompanhando a sua trajetória, ressalta a sua atuação ao longo do processo da educação no Brasil e as reformas de ensino, o seu papel como professor de Geografia, preocupado com estas questões.

A estrutura dos cursos de graduação em Geografia até a sua orientação atual, surgidos nas Faculdades de Filosofia e Ciências Humanas, foram (re) memorizadas. Conti lembrou que nas discussões sobre a reforma universitária, a Geografia sempre esteve ligada à Filosofia, História, Letras e Ciências Sociais, como está até hoje na USP, na FFLCH, e em grande parte das universidades do país.

A terceira professora a “**entrar na roda**”, foi aluna do personagem na pós-graduação na USP, Yoshiya Nakagawara Ferreira. A **conversa...** desvela-se a respeito de questões científicas e epistemológicas, na visão da Ciência e da Geografia, sobre suas pesquisas e sua postura científica. Iniciou situando o personagem no universo de gerações uspianas para se referir à “memória viva” do saber geográfico para a sociedade e a contribuição uspiana nesta trajetória.

Foram lembrados os grandes mestres, tratando-se este diálogo como uma verdadeira “arqueologia” das gerações, contextualizando os primeiros mestres franceses e a formação da primeira geração de mestres uspianos brasileiros. Fomos levados a mergulhar no ambiente científico da época, onde os personagens, nomeados e descritos, pareciam ganhar vida, em seus trabalhos, suas posturas e lutas internas e externas para construir o edifício científico da Geografia no Brasil.

Encerrando a **segunda rodada...**, o diálogo fluiu com a orientada (ex-orientanda) do grande mestre e maestro de Geografia Física, pelos (per) cursos da percepção e do imaginário tropical, em direção ao “**RIO**” – **ARAGUAIA!**

A **conversa...** parte da sua tese de livre docência, seguindo pela Geografia dos Trópicos, tema de sua **Aula**, Prova Pública Oral de Erudição, no Concurso para Professor Titular do Departamento de Geografia/FFLCH/USP, em 1997, com o título “A Geografia Física e as Relações Sociedade/Natureza no Mundo Tropical”, procurando **desvelar** o mundo **Tropical!** através da proposição da sua **Aula** que indaga sobre a Geografia dos Trópicos, o que é o trópico e qual a natureza de seu imaginário.

Desvelando suas memórias em direção à construção de saberes tropicais, o aguardado personagem do mundo tropical **revela** seu grande entusiasmo pela Geografia, expressando um verdadeiro e amoroso sentimento de encantamento, o que se poderia chamar de um relacionamento topofílico, como revelou no início das **conversas...**, “a Geografia é o estudo da Terra enquanto morada do homem”.

Terceira rodada... aberta aos demais presentes, no sentido de também participar desta forma alternativa de construção do saber, indagando, comentando e participando.

Assim, encerra-se a **roda de conversas...**, “Memórias de Conti”, desveladas para construir o saber geográfico, numa outra perspectiva. Mais do que uma entrevista, revelaram-se saudosos (**re**) **encontros...**, alegres **conversas... & revelações!** poéticas e topofílicas em torno do imaginário do mundo **Tropical!** de múltiplas imagens e devaneios, fantasias e realidades de múltiplas cores... **sons... & tons!** Mesmo numa manhã de inverno subtropical! Londrina!

FESTIVAIS E ALTERNATIVAS DE SABERES

Que dizer da atuação dos alunos do curso de graduação em Geografia que, “subiram no barco” e seguiram a temática da Aula Inaugural, promovendo o **I FAGEO**, o **Festival Alternativo da Geografia?** Este Festival já teve a sua segunda edição durante a XVIII Semana de Geografia de 2002, em setembro deste ano. Sob o tema “*Imagens, sons e gestos*”, estes alunos dimensionaram algo novo que esperamos que se torne uma tradição, aproximando-se do **Tropical!** por outra(s) vertente(s).

O Festival teve como atividades, manifestações culturais de “pés-vermelhos” tropicais, como a apresentação musical do grupo Mamaquila, no pátio do Restaurante Universitário (RU), na hora do almoço da quinta-feira. Houve também a apresentação do Grupo de Capoeira Maculelê, que formou uma grande roda e envolveu todos os passantes. Em certo momento formaram-se duas rodas paralelas, todos tomados pelo ritmo afro-brasileiro que, não renega a raiz **Tropical!**

Eis os **sons** e os **gestos**. E as **imagens**? Estas surgiram na forma de fotoimagens poéticas e pinturas, de autoria dos próprios alunos, aludindo ao nosso cotidiano **Tropical!**. As imagens foram expostas não só no pátio, mas também penduradas nos galhos das árvores que rodeiam o palco do RU. O sol e o vento, no “Perobal”, nos proporcionavam uma sensação única! Marca e demarca, imprimindo-se na memória e nos garantindo a lembrança futura. Quem pôde vislumbrar sabe da sensação impressa sob a incidência perpendicular dos raios solares...

Na hora da **Aula Inaugural**, à noite, os alunos montaram a mostra nos corredores em frente ao Anfiteatro, para que todos pudessem olhar, sentir e experienciar o **Tropical!** pelas lentes, mentes e sentimentos de cada autor. As imagens falam por si, embora, às vezes estivessem acompanhadas de palavras, não para complementá-las, mas para trazer outra dimensão à já estabelecida relação imagem-observador.

Talvez, um dos destaques desta atitude, seja a confluência destas linguagens, sentimentais e artísticas, no campo científico, acadêmico, buscando cada vez mais, a “quebra” do cientificismo objetificado, e no esforço de re-colocar outras linguagens e formas de percepção e subjetivização como formas de conhecimento e de aproximação com a realidade vivida e experienciada dia-a-dia.

TRÓPICOS, NÃO TRÓPICOS?

Embora “vê-se que a ambição do tropical é ter duas auroras”, como anota Millôr Fernandes, o **Tropical!** fica aparentemente relegado ao sul. O equador social é deslocado para o norte e o sul torna-se de amplitude latitudinal muito maior, embora com mais população e menos terras emersas. De qualquer maneira, o **Tropical!** mostra-se vivo e pulsante e é a partir dele que temos de perceber e

pensar nossas atitudes, ações e participações. Mas não é apenas uma ambição. O **Tropical!** realmente possuiu uma aurora mística, ou duas auroras, uma mística tão forte que, por vezes, nem respeita os paralelos invisíveis definidos pelos homens.

A partir dos trópicos procuramos desenvolver nossos estudos, e a **Aula Inaugural** do professor José Bueno Conti, bem como as **Conversas...** em forma de roda cumpriram muito bem o seu objetivo, de não só falar de nós, os geógrafos dos trópicos, como também mostrar aos **entrantes** desta grande casa, lugar (acadêmico) desta comunidade, algumas de suas características, possibilidades, desafios e ousadias que terão de enfrentar ao experienciar e vivenciar este mundo **Tropical!** que nos sustenta e envolve, pelas suas condições materiais e imaginárias, bem como os caminhos pelos quais esta comunidade vem trafegando e transpondo para apresentar-se hoje como está.

Seja aqui, **trópico ou não**, estando mais ao sul ou mais ao norte, o Brasil carrega este símbolo e este imaginário, e é a partir dele que nossa Geografia Nacional e nossas “geografias pessoais” conseguem esta vivacidade, tornada evidente em nossas ações: uma Geografia múltipla e rica. Uma vitalidade e um brilho **Tropical!**.